

Jovens que vão,

jovem que fica

Caminhos do campo

Um panorama da Metade Norte, que sempre foi reconhecida como próspera por conta da distribuição de terra, mas que sofre com o êxodo regional. E, ainda, as perspectivas para o fortalecimento da agricultura familiar que mantém alguns jovens bem-sucedidos no interior. Nesta edição, o JU tenta fazer um recorte atual sobre a região pela ótica de quem vive o melhor e o pior do campo.

A dicotomia Região Norte rica versus Metade Sul pobre fica ultrapassada quando analisado o contexto rural dos municípios e a estrutura de ocupação da terra no Rio Grande do Sul. A predominância de pequenas propriedades não significa necessariamente a inclusão das pessoas em um sistema produtivo mais justo, ao mesmo tempo que este pode ser o caminho para evitar em parte o esvaziamento territorial. Especialistas, pesquisadores e moradores da Metade Norte observam que o êxodo campestre continua, talvez, assumindo diferentes formas, mas irreversível, enquanto iniciativas tentam convencer a juventude de que o interior é uma referência de vida melhor que o meio urbano.

Existem 440 mil propriedades e pouco mais de 330 mil jovens no campo. Uma simples conta mostra que mais de 100 mil unidades produtivas ficarão sem sucessores, mesmo que não se coloquem nesse somatório as pessoas que vão migrar em poucos anos para a cidade ou para outra região mais atrativa em termos de trabalho, lazer e comunicação. Do outro lado da balança, é no ambiente rural que está a maioria das famílias extremamente pobres, precisamente nos locais mais isolados, onde não há asfalto, e alguns serviços básicos, como saneamento, são escassos ou inacessíveis.

Entre as características predominantes do Norte gaúcho estão a persistência da pequena propriedade baseada na produção de soja como principal fonte de renda, o avanço do fumo e da produção leiteira nas propriedades familiares. Também se destaca o alto índice de população rural: figuram na região municípios com mais de 45% dos habitantes vivendo no campo, da mesma forma que a emigração, não somente rural, mas regional, aumenta em escala alarmante. O quadro é de taxas negativas quanto ao crescimento populacional. A

pobreza no interior também é expressiva. Em Redentora, onde 40% da população é indígena, encontra-se um índice de 23% de pessoas extremamente pobres, segundo dados do Censo Demográfico de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O mesmo levantamento mostra que as taxas de analfabetismo são muito maiores que a média do estado, que é de 5%. Em municípios do Médio Alto Uruguai, o índice ultrapassa os 15% dos moradores.

A expansão da fucicultura também representa um problema, considerando que a produção agrícola chega a 13% na Região Norte, enquanto a Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco torna obrigatórios o compromisso com a diversificação do cultivo agrícola e a gradual redução do plantio de fumo. Em função das distâncias, a região também não é um polo atrativo para as indústrias, e os acessos asfálticos aos municípios são precários. Esses são alguns pontos que podem explicar o esvaziamento relativo de algumas áreas mais setentrionais, em especial na divisa com o rio Uruguai, e que derrubam a teoria de prosperidade da região.

Por outro lado, medidas como a expansão do ensino superior e o incentivo à agroindustrialização representam um esforço público e comunitário para que as propriedades rurais tenham sucessores. A discussão sobre a sucessão é fundamental para que municípios não sejam completamente abandonados. Simultaneamente, é consenso que o desenvolvimento regional passa pela aplicação de políticas que não sejam pautadas predominantemente pela indústria, levando em consideração a pouca atratividade e dinamicidade que a região tem. O fortalecimento da diversificação das lavouras, com a geração de renda, do turismo rural e do acesso à comunicação são fatores importantes para a juventude escolher permanecer no lugar em que cresceu.

Escolhas para um futuro melhor

O geógrafo Marcelo Conterato considera que a vinculação da pobreza ao meio rural tem fundamental relação com o tipo de agricultura que se reproduz. Coordenador do Grupo de Pesquisa em Agricultura Familiar e Desenvolvimento Rural (GE-PAD) do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR) da Universidade, ele confirma que o monocultivo da soja e o avanço do fumo sobre a Região Norte do estado vêm determinando a persistência da miséria. “Boa parte da produção familiar é baseada somente no cultivo da soja, grão que tem baixo valor agregado. Além disso, o produto sofre com a variação do mercado global e da taxa de câmbio, sendo dependente da disposição da China de importar. Os defensivos e adubos são praticamente todos importados. A persistência da pobreza pode ser explicada por esses fatores. É um cenário bem distinto do observado na Metade Sul, no qual os históricos vínculos com a grande produção extensiva transformaram os agricultores em fornecedores de força braçal e não produtores de alimentos para subsistência”, sustenta.

Em regiões como o Médio Alto Uruguai, que compreende 22 prefeituras e uma população rural maior que 40% em quase todos os municípios, em pelo menos 11 cidades a sojicultura domina. Já o cultivo de tabaco se sobressai em seis municípios, com mais de 20% de área plantada. Para Marcelo, a explicação poderia ser atribuída ao solo, que é pobre, e ao relevo acidentado. Porém o pesquisador lembra que a Serra também tem terra ruim, mas uma economia agrícola desenvolvida. “A diferença está nas formas de integração mercantil entre produto e força de trabalho. A organização da agricultura é completamente diferente; não há produção de commodities. A fruticultura é valorizada por conta da agregação de valor na cadeia do vinho, que tem ciclos curtos de produção e consumo. Nessas outras regiões, se produz soja e fumo, que não são alimentos e não há controle do capital?”

Trabalhando há mais de duas décadas como extensionista rural da Emater em Jóia, município do Noroeste do estado, Jair Callai Bazzan convive com os agricultores de oito assentamentos do município e teme as consequências do avanço da monocultura sobre áreas nas quais ainda predomina a agricultura familiar. “Depois de tanta luta pela reforma agrária e pela divisão das terras, a reconcentração fundiária pode acontecer. Pelo menos 30% das propriedades não vão ter sucessores, e os pequenos agricultores não compram as terras do vizinho que abandona o interior. No máximo, arrendam. Quem tem poder de compra são os donos das 27 fazendas de monocultura da soja”, lamenta.

Esvaziamento demográfico – Os vazios demográficos estão aumentando no Rio Grande do Sul. A fronteira, cuja agri-



cultura é baseada nas grandes fazendas com plantações de arroz ou nas imensas extensões de terra destinadas à pecuária extensiva, e que sofre com a arenização em alguns municípios, não é mais vista como a principal região do êxodo rural. Já na metade Norte há vazios territoriais tanto no campo como nas cidades, num processo de abandono regional relativo, o que pode ser mais grave em termos socioeconômicos.

Dados da Fundação de Economia e Estatística (FEE) revelam que a Região Ceileiro, que tem em Redentora o município com o maior índice de extrema pobreza rural do estado, apresentou em dez anos um decréscimo populacional de mais de 8 mil habitantes. Número expressivo, se considerarmos que é calculado sobre uma população de 149 mil pessoas distribuídas em 21 sedes municipais. Além disso, o campo foi abandonado por mais de 13 mil habitantes entre 2000 e 2010. Nas Missões, a taxa de diminuição populacional foi ainda maior no mesmo período, onde foi registrado índice de -0,57% ao ano.

“Existem áreas que tendem a se tornar mais pobres, se compararmos o número de pessoas como correspondendo à produção de riqueza e à mão de obra ativa. É claro, nem sempre podemos fazer essa relação, pois pode haver concentração fundiária, o que eleva o PIB da região, mas não significa absolutamente distribuição de riqueza. É o caso do Planalto Médio, região em que se sobressai a sojicultura e que registra um crescimento anual de população nas cidades de Passo Fundo e Carazinho. Ao redor desses municípios, observa-se o abandono do meio rural e a concentração de terras: onde havia dez famílias, agora há duas, e o produtor mais capitalizado foi aquele que conseguiu mais financiamento

para comprar as propriedades”, relata o professor do PPG em Geografia da UFRGS Aldomar Rückert, que atua com análise territorial e desenvolvimento regional e rural.

Um craque fora do gramado – Entre idas e vindas, Mauro Slaviero Júnior já está há quatro anos fora do campo em que cresceu ajudando a tocar a chácara dos pais. Aos 20 anos, não sabe exatamente o que o futuro lhe reserva, mas reconhece que voltar à zona rural é um panorama de vida muito distante. O que determina essa indecisão? O acalentado sonho de ser volante em um grande clube. Incentivado pelo pai, ele buscou oportunidades fora do ambiente da produção da agricultura familiar.

Mas o sonho se desfez depois de algumas experiências jogando em Passo Fundo, São Paulo e Portugal. Quando ainda morava em Sertão, município situado a 40 quilômetros de Erechim, foi descoberto por um empresário que lhe abriu as portas do Esporte Clube Passo Fundo. De lá, aos 16 anos, teve de voltar para casa alguns meses mais tarde. Segundo alegaram os dirigentes, o jovem não estaria rendendo conforme o esperado e deveria terminar o ensino médio. Voltou ao clube pouco tempo depois para logo embarcar em uma nova e curta jornada em São Paulo. Treinando em um clube empresarial, foi lá que o garoto fez o passaporte para a Europa, para também cair no jogo de empresários: “Fui para o exterior no escuro. Confesso que a ideia de ir para a Europa me seduziu, mas tem muita sacanagem nesse meio”, lembra Mauro. Após 14 meses sem voltar para casa e sem um clube, o jovem retornou para Sertão. Foi quando percebeu que dificilmente poderia ficar na casa dos pais. “Ter ido para o exterior me deu uma visão de

mundo que revoluciona, abre a mente.” Resolveu que precisava de um emprego, enquanto não decidia o que fazer depois do baque emocional e profissional.

Há nove meses, trabalha em uma loja de móveis em turno integral. Tempo para jogar, somente aos finais de semana, em campeonatos municipais. Apesar disso, propostas pouco concretas surgiram para atuar em clubes do interior. Enquanto isso, o emprego de vendedor sustenta as contas a pagar de uma casa alugada que divide com a prima de Maiara, que o leitor já vai conhecer. “Quem sabe se não vai surgir uma chance de ir para o Grêmio? Iria correndo!”, diz o jovem.

Na Metade Norte, há vazios territoriais no campo e nas cidades

Vida dividida – Maiara Dall’Agnol Gradin cresceu numa comunidade rural do município de Sertão, saiu para cursar a faculdade e se formar em Geografia, mas sentiu que não poderia abandonar as raízes da infância. Quando casou com Sidimar, há três anos, decidiu que já era tempo de voltar. Retornar foi uma opção, mas abdicar da profissão nunca esteve no horizonte da professora de 25 anos. Além do preparo minucioso das aulas para os 250 alunos da Escola Estadual Ponche Verde, ela encontra tempo para deixar a

casa impecável, fazer compotas, ajudar a cuidar das vacas e cuidar de si mesma. “Planejamento é a chave na minha concepção. Tenho compromisso com minhas missões e cobro isso dos alunos. Acho que sou até exigente demais, mas eles são ótimos”, considera.

A cumplicidade com o marido também tem papel fundamental. Apesar de ele já ter pedido para que ela abandonasse as aulas e a rotina estafante, com Maiara não há negociação. A renda garantida do contrato de 40 horas é importante na visão da professora. “Além disso, quero continuar estudando. Seja outra graduação ou um mestrado, ainda não sei. Mas vou fazer algo em breve”, garante.

A preocupação dela com uma fonte de renda garantida pode parecer exagerada, já que a bela propriedade na qual vivem também os sogros tem mais de cem hectares de soja plantados no verão, revezados com os cultivares de inverno, que deixam a mesa farta. Além disso, a pecuária leiteira garante renda fixa e contínua à família, que não fica refém dos prejuízos em anos de seca. “Não consigo entender por que os jovens têm abandonado o campo. Duvido que qualquer emprego na cidade remunere como a produção de leite. Com dez boas vaquinhas, dá para garantir uma renda de até R\$ 4 mil por mês”, pondera o sogro, Claudir Gradin, que também colhe cerca de seis mil sacas de soja ao ano.

A chave para a felicidade, segundo Maiara, é o poder de decisão sobre a própria vida. Para os alunos, gosta de passar uma receita de simplicidade. “Procurro mostrar a eles que quem faz o lugar somos nós mesmos. A vida não será boa se não acolhermos o local onde vivemos como nosso. Nós construímos nosso próprio futuro.” Na opinião da professora, essa é a explicação para ter retornado de coração aberto para casa.

2



Números do êxodo



Entre 2000 e 2010, a região registrou uma perda de mais de **8 mil habitantes**



O analfabetismo **ultrapassa os 8,5%** entre pessoas acima de 15 anos



Redentora, município de 9 mil habitantes, apresenta **23% da população** em situação de **extrema pobreza**

REGIÃO CELEIRO

- 21 municípios
- 141.482 habitantes



FONTE: IBGE E FEE

O Rio Grande que ninguém quer

No estado, 170 mil pessoas recebem o Bolsa Família, mas certamente um número maior de famílias tem direito ao benefício. São pessoas que não têm sequer identidade. Na visão da extensionista social da Emater Regina Miranda, as pessoas sem certidão de nascimento não são ninguém para o ente "Estado". Ela critica o levantamento do próprio IBGE, que não pode ser realmente confiável quando se fala em extrema pobreza. "Como pode ser real se a pesquisa é baseada naqueles que têm documentação, domicílio e energia elétrica? Existem centenas de pessoas completamente esquecidas. Podemos citar o absurdo do registro de nascimento ser cobrado. Na cidade, o pai ainda pode pegar um ônibus e ir ao cartório. Mas como fazer isso no campo, onde as dificuldades de acesso são imensamente maiores? A extrema pobreza não aparece e ninguém quer ver", sustenta.

Fabiane Terezinha de Lima, até pouco tempo, era uma dessas pessoas invisíveis, assim como o marido e os cinco filhos. Morando em uma comunidade cortada por morros de solo pouco fértil e estradas de pedregulhos, na qual recentemente foi implantado o transporte escolar, mas que continua sem condução para levar à cidade de Itatiba do Sul, na divisa com Santa Catarina, ela ainda não tem moradia própria. A família de Fabiane vive em um pedaço de terra

emprestado, no qual nem um pequeno trator poderia passar, de tão acidentado o terreno. Para ter uma renda, ela e o marido dependem de ser chamados para a prestação de serviços na plantação ou na colheita de soja ou milho em fazendas distantes.

Com a inclusão recente no Bolsa Família e a manutenção das crianças, com idade entre sete e 17 anos, na escola, Fabiane acredita que a vida começa a melhorar. "Compro comida e algumas coisinhas para as crianças." E parece faltar de tudo na casa de dois cômodos. A família foi uma das 50 da região a ser contemplada com o RS Mais Igual, programa de assistência para quem vive em condições degradantes no campo e na cidade. No Alto Uruguai, em seis municípios, 300 famílias foram selecionadas. Além de um complemento ao benefício de R\$ 70 do governo federal, os escolhidos recebem auxílio financeiro para colocar em prática um projeto de produção de alimentos para consumo próprio e, numa segunda etapa, para a geração de renda. Fabiane e a família ainda poderá receber uma casa mais digna com custo baixíssimo.

Já a filha Bruna, de 14 anos, sonha em ser policial. Deverá ser uma filha do êxodo. O garoto mais velho quer ser mecânico, indício de que a vida no campo não deverá servir para aqueles adolescentes que vivem muito distantes da realidade dos jovens extremamente conectados em seus celulares novos.



As histórias de Mauro Slaviero Júnior (1), Michelle Soares, Juciê Andreatta (2) e da família de Fabiane Terezinha de Lima (3) ilustram os diferentes tipos de vida na metade Norte do estado

Amor entre o campo e a cidade

"Deus me livre de ter de continuar a cuidar das vacas. Isso seria um castigo! Só ajudo meus pais porque sou obrigada mesmo. Vou trabalhar na cidade e você fica cuidando daqui", diz Michele Soares ao namorado Juciê Andreatta, que, aos 23 anos, está convicto de que o lugar dele é no campo. Apesar do namoro recente, que completou sete meses, os dois já planejam a vida a dois. "Quero ser enfermeira, assim como minha irmã. Nós duas e outras amigas vamos agendar uma visita a um hospital para sabermos se realmente vamos aguentar a rotina e ver sangue", comenta a garota de 15 anos.

Juciê aceita as escolhas da namorada, mas não vai sair da propriedade da família, na comunidade de São João da Bela Vista, interior de Jóia, no Norte do estado. Apesar das sucessivas estiagens que atingem a região, os fenômenos meteorológicos não intimidam o jovem determinado, que, além do trabalho diário na propriedade dos pais, cursa Administração a distância a fim de ter mais subsídios para ampliar um negócio pioneiro para a região. Antes que ele e o sócio, Cristiano Fritz Golartt, resolvessem criar um aviário, ninguém fornecia ovos ao município, insumo básico para a alimentação. A parceria começou há três anos, quando os garotos tiveram de elaborar um projeto de vida para concluir o curso de gestão agrícola na Casa Familiar Rural da Região de Ijuí. Essa instituição de inspiração francesa surgiu na década de 80, na Região Sul do país, por meio de uma parceria entre entidades rurais, sindicatos e

prefeituras, com o objetivo de transferir conhecimento para a juventude rural.

A ideia era criar algumas aves de postura, mas uma pesquisa no mercado local de padarias e pontos comerciais mostrou que a aquisição inicial de 400 galinhas não seria demasiada. Como a atividade escolar consistia em ficar uma semana estudando e duas na propriedade para colocar os conhecimentos em prática, cada um dos meninos instalou um aviário em casa, onde os pais poderiam ajudar a cuidar dos animais até o final do curso de três anos. Com produção de 12 dúzias/dia na propriedade de Juciê e outras 22 dúzias/dia na avícola de Cristiano, a oferta ainda é insuficiente para a demanda. "Estou comprando mais galinhas, e a meta é passar a vender para outros municípios. É isso que vejo como meu futuro próximo", comenta Cristiano. Além da venda direta aos estabelecimentos comerciais de Jóia, parte da produção é entregue em creches e escolas por meio do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE).

Somada ao amor que os dois têm pelo campo, a geração de renda própria é o principal motivo para continuar em casa. "Posso comprar o que eu quiser sem ter de pedir dinheiro a meus pais. Agora vou em uma loja e escolho o tênis ou o celular que eu quiser sem dar satisfação. Além disso, tenho minha própria contabilidade sobre os custos e lucros da venda dos ovos", considera Juciê. A liberdade econômica permitiu que ele pudesse financiar uma caminhonete com crédito rural para a entrega da produção na

cidade. O financiamento poderá ser pago em dez anos com juros abaixo dos praticados pelo mercado. Quanto à vida afetiva, o jovem não vê qualquer problema em casar com uma enfermeira em vez de uma agricultora. Sorte da Michele.

Pais atentos - Logo que o garoto terminou o ensino médio, a família se reuniu para conversar sobre o futuro dele. Diferentemente do irmão William, que deverá cursar Direito em Ijuí e não quer retornar ao meio rural, Juciê preferiu ficar onde cresceu. Para a mãe, é um prêmio ter o filho por perto. "Desde pequeno ele gostava de estar na lavoura em volta do pai e das vacas. A decisão de ficar foi dele. Mas quem fica não pode parar de estudar. Mesmo gostando da produção do leite, achamos importante que ele tenha um negócio próprio com a contabilidade separada. O mais importante é tê-lo como sucessor. Isso significa que o trabalho de uma vida inteira valeu a pena", sorri Elaine Andreatta, entusiasta da escolha do filho.

Professora de História da Escola de Ensino Fundamental Dr. Edemar Kruehl, na cidade em que 98% das crianças e adolescentes vivem no campo, ela acredita que o único caminho para manter a juventude na área rural é a diversificação de cultivo e enaltece o projeto de horticultura implementado no colégio há mais de uma década. "Aqueles que são filhos de produtores da monocultura não vão ficar. Quando bate uma seca, é terrível, e vemos que essa é uma das principais causas do êxodo", observa.

Políticas para a agricultura

O financiamento público tem sido uma das alternativas de subsídio para a agricultura das pequenas unidades produtivas. O Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF) talvez seja o principal plano de crédito para os produtores rurais. Com diversas linhas, prazos de pagamento estendidos e período de carência, projetos individuais ou coletivos podem receber empréstimos. O professor Marcelo Conterato, do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural da UFRGS, lembra que o financiamento público é fruto de lutas históricas dos movimentos ligados à agricultura da pequena propriedade, mas que ainda é usado de forma tradicional na lavoura de grãos. "O acesso não é mais uma dificuldade. O problema é que o PRONAF acaba fazendo mais do mesmo ao financiar commodities, atividades cada vez mais intensivas em tecnologias com menos mão de obra. Esse quadro colabora para que as pessoas migrem e o meio rural se esvazie mais e mais", considera.

Outro programa importante para centenas de produtores de baixa renda é o que concede crédito para a construção

de moradias no meio rural. O Programa Nacional de Habitação Rural atende grupos de, no mínimo, quatro famílias e de no máximo 50. As entidades representativas, como municípios, estados, sindicatos, cooperativas ou associações, devem apresentar um projeto para a Caixa Econômica Federal. As famílias com renda anual de até R\$ 15 mil podem receber R\$ 25 mil para construção ou R\$ 15 mil para reforma. Apenas 4% do valor subsidiado é devolvido à União.

Como fonte de geração de renda, apesar da dificuldade de organizar cooperativas de produtores para garantir a oferta contínua, o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) tem sido importante para escoar o excedente da produção familiar. Por lei, 30% dos alimentos adquiridos nas escolas públicas devem ser provenientes da agricultura familiar, o que se tornou um incentivo para ampliar a política. A Secretaria da Educação do estado repassa recursos do Fundo Nacional da Alimentação Escolar para mais de 2 mil escolas em 397 municípios do RS. Cabe às prefeituras se inscreverem no programa para receber a verba.

Motivos para partir...

Técnico rural da Emater em Sertão há 23 anos, Marcos Gobbo costuma comparar a atual situação de manutenção dos jovens no campo à dificuldade de reunir novamente a Associação Sertanense de Juventude Rural. “Em 2008, tínhamos 69 garotos e garotas que participavam de jogos, viagens e cursos de qualificação. Hoje são somente 25, e a tendência é pela redução.” A precariedade de opções de lazer tanto na área rural como na urbana e a falta de serviços com qualidade, como acesso à internet, também afastam os jovens. “Quando conversamos com a garotada, eles falam que a cidade tem diversas opções, e com o dinheiro do trabalho de um frentista é possível comprar vários bens”, resume.

O geógrafo Antônio Cargnin, que fez amplo estudo sobre os desafios do desenvolvimento regional que resultou em uma dissertação premiada nacionalmente, preocupa-se com o esvaziamento regional. Segundo o especialista, evitar o caminho campo-cidade é quase inviável. A questão fundamental é como manter a população nas regiões e evitar os “desertos populacionais”, e a solução deve passar pela qualificação dos municípios pequenos e médios da Metade Norte. “Nada vai dar certo se não houver esforços no sentido de melhorar a estrutura e a logística das cidades. Já existem muitas pessoas

vivendo nos municípios do Norte e Noroeste, bem menos que na Metade Sul, onde os índices de urbanização chegam a 90%, mas as cidades precisam ampliar os serviços de saneamento básico, acessibilidade, mobilidade e qualificação do ensino técnico. Essa política tem dado certo na área de atuação da Unipampa, na Fronteira Sul, por exemplo.”

Na opinião do pesquisador, a chave para desenvolver as regiões mais atrasadas, se comparadas com a Região Metropolitana e com o polo de Caxias, está em reverter a lógica do crescimento calcado em indústrias de grande porte. Áreas mais distantes não têm dinamicidade e padecem com a deficiência logística. Cargnin cita a recente disputa por uma planta da Fruki por dezenas de prefeituras no ano passado. “Houve um movimento muito grande dos municípios do Alto da Serra do Botucaraí – na região de Soledade, carente em geração de empregos – porque, se o investimento fosse para lá, seria uma esperança para o local. Mas a fábrica de chás acabou se instalando em Canoas, próxima à capital e à matriz em Lajeado. Esse é só um exemplo de que os rumos precisam ser alternativos”, sustenta o geógrafo, lembrando que as belas paisagens naturais são pouco exploradas na Metade Norte e não há integração de roteiros com o Salto do Yucumã.

Cargnin ainda destaca que as secas periódicas que atingem o RS impulsionam a migração regional. “Outro ponto extremamente importante para o Norte é o investimento em irrigação. O estado tem estiagens sazonais a cada dois anos. Nesses períodos, o debate sobre políticas públicas de investimentos é muito forte, mas no ano seguinte surgem novas prioridades, a discussão arrefece, e na próxima seca, mais prejuízos. Essa é outra explicação para o abandono não só do campo, mas regional”, sustenta um dos idealizadores do Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul.

A pobreza no campo é outro fator ainda mais cruel, determinante para afastar as pessoas do interior. Em Jóia, mesmo trabalhando com agricultores familiares e com assentados, o extensionista Jair Bazzan fala de pelo menos uma comunidade esquecida na cidade. Na localidade do Espinilho, há 55 quilômetros da sede do município, existem 30 famílias em situação de miserabilidade. Não há água encanada nem saneamento básico, e o mais preocupante: não existe produção primária de alimentos para autoconsumo. “Essas pessoas sempre foram marginalizadas, não conhecem seus direitos e desconhecem como acessar as políticas públicas. Estão lá no fundão, onde ninguém as enxerga”, lamenta.

... e para ficar

O exemplo familiar de Juciê Andreatta converge com o que a pesquisadora Zenicléia Deggerone observou como requisitos para que os jovens sejam protagonistas da sucessão rural. Segundo a mestrandia em Ambiente e Desenvolvimento pela Univates, entre os fatores que possibilitam que a juventude permaneça no campo estão o diálogo entre pais e filhos, a concessão de renda e a organização de agroindústrias, justamente por permitirem a agregação de valor aos produtos rurais. “Quando os pais deixam os filhos se envolverem e controlar uma atividade agrícola, eles sentem vontade de manter um negócio que pode ser considerado deles. A bovinocultura leiteira é uma das alternativas, porque possibilita que os produtos sejam industrializados na propriedade com a geração de renda, algo que vai muito além da produção de alimentos para consumo próprio.”

Ao estudar a permanência de jovens no campo, usando como amostra a zona rural de Itatiba do Sul, no extremo norte do estado, Zenicléia percebe

que a comunicação também tem importância fundamental no processo de sucessão. “Não é somente o caso de ter acesso à internet. A questão é muito maior, porque as famílias precisam participar do circuito de informações novas que são trazidas pela juventude. São eles que estão conectados e estudam na cidade. Quando essa informação é vista como válida e é agregada ao modo de produção no meio rural, os filhos se sentem importantes no processo e podem permanecer na propriedade”, sustenta.

Ela acrescenta um dado da Emater que é considerado positivo para a região: um levantamento recente revelou que em Itatiba do Sul dos 114 jovens que vivem atualmente no campo, 69 pretendem permanecer, sendo que, destes, 41 são garotos. “Isso comprova que a atividade leiteira, expressiva no Alto Uruguai, é um fator relevante de permanência. Mas também mostra que as garotas não querem ficar no meio rural, o que é preocupante.”

Para desenvolver as regiões mais atrasadas, deve-se reverter a lógica do crescimento calcado em indústrias de grande porte

Antônio Cargnin

Independência

Os irmãos Carina e Felipe Toniolo acharam motivação para continuar ajudando os pais no interior de Itatiba do Sul. A explicação é justamente a cadeia do leite. A partir da entrega do produto pasteurizado para a merenda escolar no interior e na sede do município do Alto Uruguai, a dupla encontrou algo que poderia lhes dar renda e torná-los independentes dos pais. Resolveram que a produção de queijos poderia ser o ás do baralho, e acertaram na aposta.

Ainda estudantes, os dois estão elaborando o selo da Produtos Coloniais Toniolo, que já conquistou clientes fiéis. Com o fornecimento da matéria-prima em casa, já que a produção diária chega a 170 litros de leite, boa parte entregue para uma empresa comercializadora, os dois contam com o apoio dos pais, que se responsabilizaram por montar a estrutura básica para a agroindústria, com a construção da sala de produção e a compra de um resfriador e de um freezer. A produção ainda é pequena, mas a renda já garantiu a viagem de Felipe, 16 anos, para a Jornada Mundial da Juventude, que aconteceu no final do mês passado no Rio de Janeiro.

Carina ainda enxerga que a propriedade dos pais, um modelo de agricultura familiar bem-sucedida e diversificada, precisa de um médico veterinário. No caso, ela mesma. Além das 17 vacas leiteiras, são produzidos frutas, feijão, milho e batata, que são comercializados entre os moradores da região há quase uma década. Essas atividades ocupam a família em tempo integral e, não à toa, a mãe da garota tem receio de que ela se afaste da chácara. “Quero que ela se capacite, será muito bom para nós, mas como cuidar de tudo isso sem a Carina aqui?”, questiona Marlize.

Apesar da preocupação da agricultora, a menina de 17 anos está determinada a ficar no interior. “Acho que o futuro deverá ser muito pautado pela importância da agricultura familiar. Todo mundo sai do campo, mas alguém tem de ficar, não é? A gente gosta daqui e percebe a oportunidade de produzir bons alimentos.” Mesmo que ela decida estudar fora, conta com o apoio do namorado, Marciano, que já se ofereceu para suprir a ausência dela enquanto a futura veterinária estiver em saídas de campo da faculdade.



Morando no interior de Itatiba do Sul, extremo Norte, os irmãos Carina e Felipe Toniolo (centro) decidiram permanecer na propriedade por conta da renda própria